ReGeo ISSN: 2177-3246

AS INTERSECÇÕES ENTRE UMA FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE E UMA FAMOSA FÁBRICA DE CONHECIMENTO: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR NA ESCOLA

THE INTERSECTIONS BETWEEN A FANTASTIC CHOCOLATE FACTORY AND A FAMOUS KNOWLEDGE FACTORY: AN INTERDISCIPLINARY PROPOSAL IN SCHOOL

LAS INTERSECCIONES ENTRE UNA FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE Y UNA FAMOSA FÁBRICA DE CONOCIMIENTO: UNA PROPUESTA INTERDISCIPLINARIA EN LA ESCUELA

https://doi.org/10.56238/revgeov17n7-052

Data de submissão: 29/05/2026 **Data de publicação:** 13/07/2026

Warley José Campos Rocha
Doutor em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Instituição: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia
E-mail: warley.rocha@ifro.edu.br
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7412-8424

Tailane Neves de Jesus
Especialista em Mídias na Educação pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Instituição: Secretaria de Educação do Estado da Bahia
E-mail: tailane.jesus76@enova.educacao.ba.gov.br
Orcid: https://orcid.org/0009-0008-9374-5509

Uéverson Mendes Oliveira
Especialista em Formação em Educação a Distância pela UNIP
E-mail: ueverson_oliveira@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6549-2603

RESUMO
Neste artigo, é proposta uma abordagem pedagógica interdisciplinar que utiliza a linguagem cinematográfica como ferramenta de mediação no ambiente escolar, metaforicamente denominado "fábrica de conhecimento". Fundamentando-se na perspectiva de Fazenda sobre interdisciplinaridade escolar e na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, justifica-se a escolha da versão de 2005 do filme A Fantástica Fábrica de Chocolate, dirigida por Tim Burton, por sua proximidade geracional com os estudantes e potencial estimulador do olhar crítico. A pesquisa foca na articulação prática entre as áreas de Linguagens e Ciências Humanas. No campo da Língua Inglesa, o trabalho analisa detalhadamente diversos fenômenos linguísticos extraídos da obra, tais como a variação fonética diatópica — evidenciada no contraste entre o apagamento do rótico no inglês britânico e o processo de flapping no inglês americano —, a variação lexical e os deslizamentos de sentidos nos campos da semântica e da pragmática. Adicionalmente, examina ocorrências de bilinguismo, destacando o fenômeno de alternância de código (code-switching) e os impactos da interferência fonética da língua alemã na fala de determinados personagens. Ao correlacionar as dinâmicas da narrativa cinematográfica com a prática docente, o estudo demonstra como o cinema pode desmistificar a visão de uma língua estática e homogênea. Conclui-se que a integração do recurso audiovisual ao planejamento didático sistematizado promove um ensino globalizado e contextualizado, potencializando o desenvolvimento de competências críticas e ampliando significativamente a

compreensão dos estudantes acerca da pluralidade cultural e da heterogeneidade linguística no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Cinema na Escola. Estudos Linguísticos. Ciências Humanas.

ABSTRACT
In this article, an interdisciplinary pedagogical approach is proposed that uses cinematographic language as a mediation tool in the school environment, metaphorically termed a “knowledge factory”. Based on Fazenda's perspective on school interdisciplinarity and Gardner's theory of multiple intelligences, the choice of the 2005 film version of Charlie and the Chocolate Factory, directed by Tim Burton, is justified by its generational proximity to students and its potential to stimulate a critical eye. The research focuses on the practical articulation between the fields of Languages and Human Sciences. In the field of the English Language, the work analyzes in detail various linguistic phenomena extracted from the piece, such as diatopic phonetic variation — evidenced by the contrast between the non-rhotic deletion in British English and the flapping process in American English —, lexical variation, and shifts in meaning within the fields of semantics and pragmatics. Additionally, it examines occurrences of bilingualism, highlighting the phenomenon of code-switching and the impacts of phonetic interference from the German language on the speech of certain characters. By correlating the dynamics of the cinematographic narrative with teaching practice, the study demonstrates how cinema can demystify the view of a static and homogeneous language. It is concluded that the integration of audiovisual resources into systematized didactic planning promotes a globalized and contextualized teaching, fostering the development of critical skills and significantly broadening students' understanding of cultural plurality and linguistic heterogeneity in the contemporary world.

Keywords: Interdisciplinarity. Cinema in School. Linguistic Studies. Human Sciences.

RESUMEN
En este artículo, se propone un enfoque pedagógico interdisciplinario que utiliza el lenguaje cinematográfico como herramienta de mediación en el ambiente escolar, denominado metafóricamente “fábrica de conocimiento”. Basándose en la perspectiva de Fazenda sobre la interdisciplinariedad escolar y la teoría de las inteligencias múltiples de Gardner, se justifica la elección de la versión de 2005 de la película La Fábrica de Chocolate, dirigida por Tim Burton, por su proximidad generacional a los estudiantes y su potencial para estimular la mirada crítica. La investigación se enfoca en la articulación práctica entre los campos de Lenguajes y Ciencias Humanas. En el campo de la Lengua Inglesa, el trabajo analiza detalladamente diversos fenómenos lingüísticos extraídos de la obra, tales como la variación fonética diatópica —evidenciada en el contraste entre la elisión del rótico en inglés británico y el proceso de flapping en inglés americano—, la variación léxica y los deslizamientos de sentido en los campos de la semántica y la pragmática. Además, examina ocurrencias de bilingüismo, destacando el fenómeno de alternancia de código (code-switching) e impactos de la interferencia fonética del idioma alemán en el habla de ciertos personajes. Al correlacionar las dinámicas de la narrativa cinematográfica con la práctica docente, el estudio demuestra cómo el cine puede desmitificar la visión de una lengua estática y homogénea. Se concluye que la integración del recurso audiovisual al planteamiento didáctico sistematizado promueve una enseñanza globalizada y contextualizada, potencializando el desarrollo de competencias críticas y ampliando significativamente la comprensión de los estudiantes respecto a la pluralidad cultural y la heterogeneidad lingüística en el mundo contemporáneo.

Palabras clave: Interdisciplinariedad. Cine en la Escuela. Estudios Lingüísticos. Ciencias Humanas.

1 INTRODUÇÃO

Produzir conhecimento é um dos principais objetivos de uma escola, lugar chamado por nós, neste texto, de fábrica de conhecimento. Encontrar maneiras diferenciadas para promover espaços e situações que favoreçam a aprendizagem dos alunos é parte do trabalho do educador no momento de (re)inventar práticas pedagógicas eficazes. Além disso, cabe ressaltarmos que os aprendizes se movem diferentemente em busca do conhecimento, tendo em vista, como apontam estudos na área da Psicologia (cf. GARDNER, 1994), que o ser humano é caracterizado por múltiplos tipos de inteligência, os quais se apresentam em graus diferenciados a partir de cada indivíduo.

Desse modo, uma forma de atender pedagogicamente esse público plural é propiciar atividades que surjam de uma proposta interdisciplinar. Ressaltamos, entretanto, que mesmo tendo ciência de que o conceito de interdisciplinaridade sofre profundas discussões no meio científico, neste texto, pautamo-nos em uma subespecificação de Fazenda (2008), quando a autora afirma que interdisciplinaridade escolar consiste em uma perspectiva educativa, em que as noções, habilidades e técnicas objetivam propiciar especialmente o processo de aprendizagem, além de, nesse caso, respeitar os saberes apresentados pelos alunos, bem como a sua integração.

Posto isso, temos como principal objetivo demonstrar o quanto a linguagem cinematográfica é um instrumento que viabiliza a realização de atividades interdisciplinares no contexto escolar. Para tanto, focalizaremos o filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, comprovando que é possível acionar interdisciplinarmente conceitos, técnicas e conteúdos propedêuticos das áreas, em especial, de Linguagens e Ciências Humanas, a partir de fragmentos da referida película.

No que diz respeito à organização do artigo, na seção *A Fantástica Fábrica de Chocolate em Tela*, destacamos as informações técnicas do filme, justificando a sua escolha e tecendo algumas considerações relacionadas à metodologia empregada para realização do trabalho. Adiante, em *A Fantástica Fábrica de Chocolate no Campo das Linguagens: um olhar para as aulas de Língua Inglesa*, demonstramos a variedade de assuntos que podem ser abordados nas aulas de inglês por meio de fragmentos do filme. Na sequência, em *A Fantástica Fábrica de Chocolate e As Ciências Humanas*, com base em trechos da obra cinematográfica escolhida, apontamos reflexões que podem ser suscitadas em sala de aula, levando os alunos a romperem com os limites fictícios para uma análise crítica da (sua) realidade. Desenvolvidas essas duas seções, tecemos nossas derradeiras ponderações na seção *Considerações Finais*, seguidas das *Referências*.

2 A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE EM TELA

Esta seção será subdividida em outras duas, a saber: *Luz, Câmera, Informação*, na qual apresentaremos informações referentes ao filme em destaque, assim como alguns critérios para a sua seleção; e *Cinema e Escola: uma parceria possível*, em que refletimos sobre os benefícios do uso da linguagem cinematográfica no momento de se propor atividades que acionem de forma integrada diferentes áreas do conhecimento. Passemos, então, a elas.

2.1 LUZ, CÂMERA, INFORMAÇÃO

Em 1964, o autor Roald Dahl lançou o livro *Charlie and the Chocolate Factory* (traduzido no Brasil como *A Fantástica Fábrica de Chocolate*). A partir dessa obra, foram laçadas duas produções para o cinema: em 1971, *Willy Wonka and the Chocolate Factory*; e, em 2005, *Charlie and the Chocolate Factory*, cujo nome foi mantido conforme o livro publicado por Roald Dahl, assim como a sua tradução no Brasil. Para este trabalho, pautaremos nossa análise e proposta a partir da segunda versão cinematográfica mencionada[1], à qual daremos um enfoque a partir de então e passaremos a nos referir por meio de sua tradução no Brasil.

De acordo com as informações encontradas na *Netflix*, umas das maiores provedoras de filmes e séries via *streaming*, o longa *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, lançado em 2005, com direção de Tim Burton e roteiro de John August, conta com um elenco[2] composto por nomes bastante conhecidos no cinema, a exemplo de Johnny Depp, que interpreta o icônico Willy Wonka, e Freddie Highmore, responsável pela atuação do pequeno Charlie Bucket.

A história se passa em uma cidade aparentemente pequena, em que Charlie vive com seus pais e avós em "um lar extremamente humilde, pequeno, com vários problemas estruturais visíveis, mas que no fim das contas passa a impressão de um local confortável e receptivo, a ideia real de um lar [...]" (TAVARES, 2019, p. 44). A família de Charlie é pobre e, logo no início da trama, o Sr. Bucket perde o emprego em uma fábrica de creme dental, o que torna a vida deles ainda mais difícil.

Na mesma cidade, fica a enigmática Fábrica de Chocolate de Willy Wonka, que, em tempos passados, contava com o trabalho de operários citadinos, os quais, entretanto, foram demitidos em decorrência da falta de fidelidade da parte de alguns trabalhadores que usurpavam as famosas receitas

[1] A escolha pela versão de 2005 dá-se pelo fato de ter sido lançada mais recentemente, aproximando-se, portanto, da geração dos alunos que possivelmente desenvolverão uma atividade a partir do filme, além de despertar mais o seu interesse por ser mais atual.

[2] Entre o elenco, temos Noah Taylor (Sr. Bucket), Helena Bonham Carter (Sra. Bucket), David Kelly (Vovô Joe), Eileen Essell (Vovó Josephine), Davis Morris (Vovô George), Liz Smith (Vovó Josephine), Christopher Lee (Dr. Wilbur Wonka), Blair Dunlop (Willy Wonka quando criança), Deep Roy (Oompa-loompas), Missi Pyle (Sra. Beauregarde), AnnaSophia Robb (Violet Beauregarde), Franziska Troegner (Sra. Gloop), Philip Wiegratz (Augustus Gloop), Adam Godley (Sr. Teavee), Jordan Fry (Mike Teavee), James Fox (Sr. Salt), Julia Winter (Veruca Salt), Oscar James (Vendedor), Nitin Ganatra (Príncipe Pondicherry).

do bem-sucedido chocolateiro. A fábrica, por um tempo, ficou fechada. Todavia, de maneira misteriosa, voltou a funcionar. A curiosidade de muitos despertou-se, a exemplo da família de Charlie, visto que, mesmo não havendo operários entrando ou saindo da grande fábrica, ela funcionava a todo vapor. Dela, na verdade, só saíam os chocolates devidamente empacotados e endereçados.

A despeito desse cenário, certo dia, Willy Wonka anunciou a existência de cinco bilhetes dourados. Os sortudos que os encontrassem, seriam convidados a passar um dia inteiro na Fantástica Fábrica de Chocolate. Ao final de um tempo, contando com a sorte, ou não, cinco crianças encontraram os bilhetes dourados. Entre elas, estava o pequeno Charlie Bucket. Ao entrarem na fábrica, desenrola-se uma competição entre os sortudos de maneira divertida e cheia de surpresas.

Feita essa breve apresentação do enredo, sem obviamente esgotar os seus detalhes, haja vista que são evidenciados ao longo do texto, passemos, então, para a próxima subseção, em que tecemos algumas considerações referentes à relação escola e cinema.

2.2 CINEMA E ESCOLA: UMA PARCERIA POSSÍVEL

Encontrar maneiras adequadas para atender ao público diverso que chega à escola é um trabalho desafiador para os educadores. Como sinalizamos na introdução, as pessoas apresentam múltiplas inteligências e, com isso, demandam instrumentos diferentes para se adquirir conhecimento. Uma estratégia que pode ser adotada por professores em uma iniciativa individual, ou em conjunto, é o uso de atividades com base em produções cinematográficas.

Um dos principais documentos oficiais que norteiam a prática do professor da Educação Básica é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)[3], e, nela, encontramos orientações para que se lance mão da linguagem cinematográfica, com vistas ao desenvolvimento de atividades que perpassam diferentes áreas do conhecimento. E se tratando dessa relação cinema e escola, Napolitano (2009), por seu turno, argumenta que:

> É óbvio que não é necessário ser um crítico de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula, nem organizar suas atividades escolares em função da exibição de filmes. **À medida que o cinema tem sido cada vez mais incorporado como recurso didático** e documento de análise, **principalmente em disciplinas de ciências humanas e linguagens**, um dos grandes desafios é subsidiar o professor para incorporar a linguagem cinematográfica na escola. [...] esclarecemos que a experiência cultural e estética do cinema vai além de qualquer metodologia de análise dos filmes e que o ato de assistir a um filme é uma experiência formativa em si e por si. Mas, no trabalho escolar com filmes, desde que devidamente organizado, o professor pode adensar esta experiência, para ele e para os seus alunos, exercitando o olhar crítico e encantado, ao mesmo tempo. **No cinema, como de resto em todas as artes, quanto mais se conhece a sua linguagem e história, mais as obras se tornam encantadoras e mais nos dizem sobre o passado e sobre o presente do mundo em que vivemos**. (NAPOLITANO, 2009, p.14-15, grifo nosso)

[3] Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf.

Observamos, portanto, que produções cinematográficas podem auxiliar o professor no seu desafio de formar cidadãos, visto que, por meio de uma multimodalidade, é possível conduzir os seus alunos a uma reflexão que parta da ficção e alcance as estruturas da sua realidade. Além do mais, vale ressaltar um ponto salientado por Napolitano (2009) que é a importância de um trabalho organizado. Ao mencionar organização, consequentemente, trazemos à baila uma das principais tarefas de um professor que é o planejamento, o qual, uma vez bem construído, os resultados possivelmente serão bastante exitosos.

O referido autor também aponta que a prática escolar associada às produções cinematográficas estão presentes, sobretudo, nas aulas de disciplinas das áreas de Linguagens e Ciências Humanas. É claro que não são só os professores de disciplinas dessas áreas que podem lançar mão do referido recurso, mas observamos com maior frequência nesses campos de estudo. Por essa razão, concluímos a presente (sub)seção, para, nas próximas, darmos margem às análises e propostas de reflexões a partir do filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, em que discutiremos a película escolhida nas duas áreas do conhecimento anteriormente destacadas.

3 A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE NO CAMPO DAS LINGUAGENS: UM OLHAR PARA AS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

> Atualmente, na era da globalização, nos envolvemos no processo de interferência e interpretação de diferentes culturas. Este processo encontra seu caminho nas mudanças linguísticas, como o aparecimento de uma quantidade considerável de palavras estrangeiras (empréstimos), sua implementação e uso por falantes nativos (falantes de língua materna) e estas fixações de empréstimos na língua (nacional) do país em um curto espaço de tempo. (TAKHTAROVA *et al*., 2015, p. 454, tradução nossa)[4].

A língua é viva e passa por mudanças constantes. É importante que consigamos nos desvencilhar de uma ideia de língua estática e imutável que está diretamente ligada à normatividade da gramática tradicional, que remonta à Grécia Antiga, numa época em que os estudiosos estavam interessados principalmente em explicar a linguagem usada nos textos dos autores clássicos. (COSTA, 1996).

A dinamicidade nas mudanças que ocorrem na língua falada, principalmente, ganha força nesse contexto tecnológico que nos permite assistir a filmes de diversas nacionalidades, interagir com

[4] "At present in the era of globalization we get involved in the process of interference and interpretation of different cultures. This process finds its way in the linguistic changes such as appearance of a considerable amount of foreign words (borrowings), their implementation and usage by native speakers (mother-tongue speakers) and these borrowings fixation in the (national) language of the country in a short span of time." (TAKHTAROVA et al., 2015, p. 454).

pessoas de países variados, consumir a literatura de continentes distintos de uma forma mais democrática e ter a possibilidade de contato com diferentes falantes e variedades do inglês falado. É essa amplitude que o filme evidencia em vários momentos, a começar pela distribuição dos próprios bilhetes premiados, que são enviados para diferentes países.

Apesar de, por muito tempo, a língua ter sido entendida como um sistema homogêneo (SAUSSURE, 2006 [1916]), outros estudiosos observaram que há a presença de variabilidade no sistema linguístico. Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), por exemplo, convictos disso, contradizem os princípios estruturalistas e assumem que o sistema linguístico deve ser entendido como heterogêneo e que tal heterogeneidade revela-se de maneira ordenada. Isso indica que pessoas podem usar a mesma língua, mas que ela, por seu turno, vai sofrer variação.

No filme, originalmente produzido em Língua Inglesa, permite-nos observar essa variabilidade. Em nível fonético, notamos a variação do /R/ pós-vocálico (ou do rótico pós-vocálico). Então, só a título de exemplo, uma palavra como *perfect*, fonologicamente transcrita como /ˈpɜRfɪkt/, há personagens que, segundo seu sotaque, vão produzir o /R/ como uma aproximante retroflexa [ɻ], como é o caso do próprio Willy Wonka, interpretado por um ator estadunidense, ou com o apagamento do referido segmento fonético [∅], como é o caso do próprio Charlie Bucket, cuja interpretação é feita por um ator britânico. Vale ressaltar que existe uma predominância da produção fonética mais alinhada ao Inglês Britânico no filme. Sobre essa variedade predominante, Ladefoged e Johnson (2011) destacam que:

> O Inglês Britânico Padrão não tem rótico e possui ditongos [...] que vão de uma vogal próxima ao exterior do espaço vocálico em direção a uma vogal central [ə]. Em palavras como *here* e *there*, transcrevem-se como [ɪə] e [ɛə]. Alguns falantes apresentam um [ɛ] longo em vez de [ɛə], especialmente antes de [r], como em *fairy* e *bearing*. Algumas pessoas produzem ditongo central [ʊə] em palavras como *poor*, mas que está provavelmente sendo substituído por [ɔ] na maioria dos sotaques que não apresentam rótico do Inglês Britânico [...] (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 94-95, grifos na obra consultada, tradução nossa)[5]

Além dos personagens que atuam no filme, esse apagamento do rótico pós-vocálico pode ser observado também na fala do narrador, cuja voz é o do ator Geoffrey Lamont Holder.

Ainda dentro desse campo de variabilidade fonética, podemos destacar a ocorrência do processo de *flapping* no filme, especialmente na fala de Willy Wonka. Para melhor compreensão do que se trata tal processo, Laver (1994, p. 2018) esclarece que, "[...] no Inglês Americano, por exemplo, [...]

[5] "Standard BBC English is not rhotic and has diphthongs […] going from a vowel near the outside of the vowel space toward the central vowel [ə]. In words such as *here* and *there*, these are transcribed [ɪə] and [ɛə]. Some speakers have a long [ɛ] instead of [ɛə], particularly before [r] as in *fairy* and *bearing*. Some people have a centering diphthong [ʊə] in words such as *poor*, but this is probably being replaced by [ɔ] in most non-rhotic accents of British English […]" (LADEFOGED; JOHNSON, 2011, p. 94-95) (grifos dos autores).

o alofone de /t/ entre vogais é realizado foneticamente em vários sotaques como [ɾ], que é o caso de /ˈsɪti/ → [sɪɾ i] [...]".

No filme, por exemplo, há uma cena em que, a partir da palavra *beautiful*, fonologicamente transcrita como /ˈbjutəfəl/, é possível mostrar claramente a variação entre a realização do *flapping* [ɾ] e da africada alveopalatal surda [t͡ʃ] para representar o fonema /t/ em posição intervocálica. Trata-se, nesse caso, do momento em que todos chegam à sala da cascata e rio de chocolate e acontece o seguinte diálogo:

> CHARLIE: It's **beautiful**. WILLY WONKA: What? Ooh, yeah. It's very **beautiful**. (A FANTÁSTICA, 2005, 42 min)[6]

Na referida cena, o /t/ da primeira ocorrência da palavra *beautiful* sofre o processo de *flapping*, ao passo que, na segunda, o segmento fonético em destaque é realizado como uma africada alveopalatal surda.

Além da variação fonética, podemos também pôr em evidência a variação lexical, isto é, na ordem do léxico ou vocábulo. Em qualquer língua natural, encontramos palavras que coocorrem, estando, por seu turno, a serviço de um único significado. No filme, por volta dos 58 minutos já rodados, o narrador declara que Wilbur Wonka, pai de Willy Wonka, é um dentista. Para tanto, é utilizada a palavra *dentist* como referência à profissão. Todavia, segundos depois, a câmera foca em uma placa afixada à parede da casa da família Wonka, indicando que, ali, reside/trabalha o dentista Wilbur Wonka. Já neste caso, a profissão dentista é lexicalmente marcada pela construção *dental practitioner*.

Obviamente, o professor precisará adaptar esse assunto para apresentar aos seus alunos. O que importa, na verdade, não é que os alunos sejam especialistas em termos técnicos da fonética ou da variação linguística na ordem do léxico, mas que ele entenda que a Língua Inglesa, em sua estrutura, admite que haja variação; desde que não exista, entretanto, violação do significado a ser passado no ato comunicativo. Ademais, é de suma importância que o professor mostre aos alunos que essas variações, por vezes, decorrem de elementos de ordem extralinguística. Os casos que acentuamos anteriormente na esfera da fonética, por exemplo, consistem em variações exclusivamente diatópicas, isto é, uma variabilidade na estrutura linguística relacionada à origem geográfica do falante.

Do filme podemos extrair, por exemplo, trechos por meio dos quais o professor tem condições de explorar questões relacionadas ao significado de palavras ou enunciados. Segundo Griffiths (2006), a Semântica e a Pragmática são os dois ramos principais do estudo linguístico do significado. A

[6] CHARLIE: É lindo.WILLY WONKA: O quê? Ooh, sim. É muito bonito.(A FANTÁSTICA, 2005, 42 min) (tradução nossa)

Semântica, por seu turno, é responsável pelo "kit de ferramentas" para o significado, que é um conhecimento codificado no vocabulário da língua e em seus padrões para a construção de significados mais elaborados, até chegar ao nível dos significados das frases. Já a Pragmática se preocupa com o uso dessas ferramentas em uma comunicação significativa. Em outras palavras, a Pragmática trata da interação do conhecimento semântico com o nosso conhecimento do mundo, levando em consideração os contextos de uso (GRIFFITHS, 2006).

De posse desses esclarecimentos acerca das áreas que se ocupam do sentido ou do significado das palavras ou frases, podemos destacar uma sucessão de cenas do filme em que há uma conversa entre Charlie e seus familiares. Confirmos o diálogo a seguir:

> GRANDPA JOE: […] One day, without warning, Mr. Wonka told every single one of his workers to go home! He announced that he was closing his chocolate factory **FOREVER**! WILLY WONKA: I am closing my chocolate factory **FOREVER**. I'm sorry. CHARLIE: But it didn't close forever. It's open right now. MRS. BUCKET: Ah, yes, well, sometimes when grownups say "**FOREVER**", they mean "a very long time". GRANDPA GEORGE: Such as "I feel like I've eaten nothing but cabbage soup **FOREVER**". MR. BUCKET: Now, Pops… GRANDMA JOSEPHINA: The factory did close, Charlie. GRANDPA JOE: And it seemed like it was going to be closed **FOREVER**. Then, one day, we saw smoke rising from the chimneys. The factory was back in business! (A FANTASTICA, 2005, 11 min – 12 min)[7]

Com base nesse diálogo entre os personagens, o professor pode despertar o interesse ou a curiosidade de seus alunos para que eles observem que, apesar de as palavras carregarem sentidos preconizados pelos dicionários, é muito comum que o sentido prototípico do vocábulo extrapole os seus limites semânticos e, assim, a mesma palavra passe a funcionar na língua a serviço de outros sentidos, conforme o contexto em que elas se encontram. É um típico caso de deslizamento de sentido na língua.

Uma maneira de aguçar essa postura investigativa dos alunos é convidá-lo a refletir, primeiramente, em palavras na sua própria língua e, depois, conferir a existência do mesmo fenômeno linguístico na Língua Inglesa. Os benefícios de um exercício como esse é mostrar ao aluno que as línguas podem apresentar suas peculiaridades, mas que existem princípios que são universais entre todas as línguas naturais.

[7] "VOVÔ JOE: [...] Um dia, sem avisar, o Sr. Wonka disse a cada um de seus trabalhadores para irem para casa! Ele anunciou que estava fechando sua fábrica de chocolate PARA SEMPRE!WILLY WONKA: Vou fechar minha fábrica de chocolate PARA SEMPRE. Eu sinto muito.CHARLIE: Mas não fechou para sempre. Está aberta agora.SRA. BUCKET: Ah, sim, bem, às vezes quando os adultos falam "PARA SEMPRE", eles querem dizer "por muito tempo".VOVÔ GEORGE: O mesmo que "sinto por ter comido nada além de sopa de repolho PARA SEMPRE".SR. BUCKET: Agora, papai ...VOVÓ JOSEPHINA: A fábrica fechou, Charlie.VOVÔ JOE: E parecia que ia fechar PARA SEMPRE. Então, um dia, vimos fumaça subindo das chaminés. A fábrica estava de volta aos negócios! " (A FANTÁSTICA, 2005, 11 min – 12 min) (tradução nossa)

Para concluir, então, a presente subseção, destacaremos o comportamento linguístico de dois personagens, a saber, a Sra. Gloop e o seu filho Augustus Gloop, cujas interpretações são feitas, respectivamente, pelos atores alemães Franziska Troegner e Philip Wiegratz. Na trama, a família Gloop vive no oeste da Alemanha, na cidade de Düsseldorf. Sabemos, a propósito, que, apesar de o alemão ser a língua oficial e predominante na Alemanha, são encontradas também outras línguas em uso no país, entre elas, a Língua Inglesa.

No filme, os referidos personagens expressam-se exclusivamente em inglês. Todavia, ao considerarmos sua nacionalidade, assumimos que ambos sejam, pelo menos, bilíngues, isto é, falantes do alemão e do inglês. Há dois fenômenos linguísticos muito comuns entre bilíngues: um é conhecido como *code-switching*; o outro é a *interferência*. Sobre o primeiro, Crystal (2003, p. 164) define como "[...] o processo no qual pessoas dependem simultaneamente de duas ou mais línguas para se comunicarem entre si. " (tradução nossa)[8]. Heredia e Altarriba (2001, p. 164), por sua vez, esclarecem que o "*code-switching*, ou mescla linguística, acontece quando uma palavra ou uma frase em uma língua substitui uma palavra ou frase na segunda língua [...]"[9]. Esse fenômeno pode ser verificado no filme em uma das falas da Sra. Gloop, no momento em que ela adverte seu filho, dizendo: "*Augustus,* ***mein*** *child, that is not a good thing you do*." (A FANTÁSTICA, 2005, 48m)[10]. Observemos que há a substituição pronominal, em que *mein* figura no lugar de *my*.

Como anunciamos, a *interferência* é também um fenômeno linguístico verificado na fala de bilíngues, que consiste na "[...] ocorrência de formas de uma língua na outra, causando desvios perceptíveis principalmente no âmbito da pronúncia, mas também do vocabulário, da estruturação de frases, bem como nos planos idiomático e cultural [...]" (SCHÜTZ, 2018, n.p.). No filme, podemos constatar a *interferência*, no momento em que Augustus Gloop, ao ler seu bilhete de ouro, pronuncia o advérbio *afterwards*, fonologicamente transcrito como /ˈæftərwərds/, trocando o glide [w] por uma consoante fricativa labiodental vozeada [v].

O filme nos faz compreender o quanto a globalização, em tela já na primeira citação desta seção, pode promover uma relação entre culturas, povos e suas línguas. É inquestionável que o Inglês, com o seu *status* de língua franca, vai tomando formas variadas a depender da maneira como é falado e por quem é falado.

[8] "[…] code-switching, the process in which people rely simultaneously on two or more languages to communicate with each other." (CRYSTAL, 2003, p. 164)
[9] "[...] Code switching, or language mixing, occurs when a word or a phrase in one language substitutes for a word or phrase in a second language […]" (HEREDIA; ALTARRIBA, 2001, p. 164)
[10] "Augustus, meu filho, isso não se faz". (A FANTÁSTICA, 2005, 48m) (tradução nossa)

Em um contexto de globalização, portanto, facilidades de acesso ao que é[11] do outro, em especial seu código linguístico, contribuem intrinsicamente para um fenômeno: o *code-switching,* que, como vimos anteriormente, carateriza-se pela alternância "entre códigos ou mesmo misturá-los na interação, criando, deste modo, enunciados híbridos" (PORTO, 2007, p. 1). Essa *language mixing*[12] , acaba por evidenciar outros aspectos além dos linguísticos que estão ligados, também, às "escolhas particulares de código e que são dirigidas principalmente pelas motivações dos falantes". (PORTO, 2007, p. 18).

Para Crystal (2003), o aumento do *code-switching* é uma das evidências que atesta o crescimento da Língua Inglesa, essa mistura que traz consigo elementos distintos de culturas distintas. "O aumento do *code-switching* é evidentemente uma das características mais notáveis das situações em que *Novos Ingleses* estão surgindo" (CRYSTAL, 2003, p.164, tradução e grifos nossos)[13]. Desse modo, o professor de Língua Inglesa, que não deve resumir seu trabalho ao ensino apenas da estrutura linguística, ao lançar mão de dados de fala provenientes do filme, por exemplo, tem condições de extrapolar as fronteiras linguísticas em sua aula e conduzir seus alunos a um nível de reflexão muito mais crítica estrutura da língua e da sociedade.

Cabe pontuar que não argumentamos para que o professor não ensine a estrutura linguística. Defendemos, entretanto, que o professor parta da estrutura da língua para mostrar os desdobramentos sociais que se revelam exatamente por meio dela. E o inglês, por seu turno, é um excelente candidato no momento de se promover tal prática que extrapola as regras da gramática, alcançando as estruturas da sociedade, as quais, de alguma forma, são postas em destaque no filme em tela.

Para discutir sobre as trocas de códigos que permeiam a interação linguística dentro de alguns diálogos em *A Fantástica Fábrica de Chocolate,* o professor pode, por exemplo, lançar mão de alguns termos, sendo eles: Denglisch, Germish e Engleusch, ou, simplesmente, Alemês e Inglão. Além de, obviamente, provocar no aluno uma reflexão do porquê daquela mescla de nomes. Um bom cominho para explicação disso, é fazer uma associação com a cultura entre os jovens da atualidade de "*shippar*" casais. Assim, a reflexão poderia ser conduzida com base em uma metodologia de uso de metáforas para se compreender as relações tanto sociais quanto linguísticas.

Tais termos sugeridos para uso do professor nas suas aulas, associados ao real uso da língua, trazem consigo, a propósito, atitudes e identidades[14]. Eles conseguem, muitas vezes, agregar

[11] Ainda que discordemos que a língua, principalmente a língua inglesa com seu *status* de global, pertença exclusivamente à uma nação ou grupo específico de falante, vamos usar o verbo "ser" para facilitar a compreensão do que queremos transpor aqui no artigo.

[12] Mistura de códigos ou de línguas.

[13] "The increase in code-switching is evidently one of the most noticeable features of the situations in which New Englishes are emerging." (CRYSTAL, 2003, p.164)

[14] Entendamos aqui os termos atitudes e identidades a partir de uma perspectiva da Língua Aplicada (LA).

característica que, por seu turno, distingue os falantes naquele contexto comunicativo. Em outras palavras, quando ouvimos termos como Alemês, Inglão, Portunhol etc., é possível que consigamos traçar algumas identidades a partir do nosso conhecimento do que é o inglês, português, alemão, espanhol e das comunidades linguísticas que fazem uso dessas línguas para estabelecerem a comunicação, tendo, normalmente, como principal referências os Estados Unidos, Portugal, Alemanha e Espanha, respectivamente. Com isso, a primeira identidade que temos está atrelada à nacionalidade dos falantes. Para Leffa (2012, p. 54), a identidade de um indivíduo é "marcada por aquilo que a identifica, ou seja, por aquilo que a diferencia dos outros, incluindo traços físicos, posição social, preferências pessoais, idade, profissão, partido político, orientação sexual".

Assim, para finalizarmos esta seção, retomamos os pressupostos de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), autores que participaram do início da nossa discussão nesta subseção, posto que eles nos orientam que o estudo da língua aconteça a partir de dados reais de fala. Ainda que, em um longa-metragem, os atores estejam pautados em um *script*, não podemos dizer que os dados linguísticos decorrentes do filme não sejam reais ou de efetivo uso linguístico. Justificamos, inclusive, nosso posicionamento acerca disso a partir das análises feitas aqui, em que as peculiaridades de origem dos atores manifestam-se no comportamento e construção dos seus personagens.

Feitas tais considerações, sigamos para a seção em que discutiremos possibilidades de se trabalhar o filme na escola, porém, neste momento, sob a ótima das Ciências Humanas.

4 A FANTÁSTICA FÁBRICA DE CHOCOLATE E AS CIÊNCIAS HUMANAS

Nesta seção, discorremos sobre pontos que viabilizam reflexões no campo das Ciências Humanas. Para tanto, nas subseções que seguem, apontaremos questões atinentes à Geografia, à História e à Sociologia. Passemos, então, a esse debate:

4.1 A FANTÁSTICA FÁBRICA E A GEOGRAFIA

Conforme a perspectiva da pesquisa, encontramos no filme questões sociais, raciais, políticas e históricas, que perpassam pelas habilidades e objetivos mediados em sala de aula pelas Ciências Humanas. Especificamente no campo da Geografia, o professor tem como sugestão trabalhar a diversidade relacionada à nacionalidade dos sujeitos envoltos no filme, suas singularidades e a dinamização das informações através da globalização e das mídias impressas e televisivas.

Como justificativa para tal proposição nessa área do conhecimento, Andrade (2009) nos mostra que a educação tem um papel fundamental na valorização do mundo plural, observamos que a escola é um espaço para discutir singularidades e diversidades culturais, étnico-raciais, pluralidade e respeito. O

filme nos traz um diálogo vivo de pessoas em diferentes culturas que estão ligadas a um mesmo objetivo. Existem algumas especificidades que precisam ser levadas em conta no processo de ensino e aprendizagem para além dos conhecimentos científicos, linguísticos e matemáticos. Os alunos, então, precisam ser incentivados a lidar com todas as diferenças. A escola, por seu turno, tem um papel importante na sociedade, e quando formamos pessoas conscientes de que todos merecem espaço, estamos trabalhando essa diversidade.

Ao considerarmos as especificidades que compõem a diversidade cultural e os caminhos que precisam ser trilhados para a construção do diálogo e para a garantia da cidadania a todos, não podemos nos esquecer de uma instituição muito importante em nossa sociedade: a escola. A instituição é responsável por mediar o diálogo entre pessoas de diferentes culturas e conscientizar sobre a importância do respeito e do cumprimento da cidadania. (SILVA, 2011 apud GOMES, 2003).

Como uma outra sugestão a ser explorada pelo professor de Geografia, temos a movimentação de pessoas de todo o mundo em busca de um bilhete de ouro. Isso nos traz a sensação de um mundo globalizado, tendo como sua principal característica a dinamicidade da informação por meio das mídias e veículos de informação.

Os jornais impressos e os telejornais divulgaram para pessoas de diferentes culturas e etnias do mundo o concurso proposto pelo dono da fábrica de chocolates. A cada bilhete encontrado, ecoou-se, para todas as nações que estavam acompanhando o concurso midiatizado, quem eram as crianças que participariam e de que forma o bilhete fora achado pela família. Com essa dinâmica, fazemos a leitura de quem são as referências das crianças que tiveram a sorte de encontrar o passaporte. A forma como as notícias são transmitidas e como a mídia se comporta em meio ao grande consumo de chocolate pela população detalha a política consumista e exagerada da sociedade.

As diversas mudanças climáticas durante o filme também fazem uma relação de clima, tempo, temperatura e localização geográfica. O professor pode suscitar a análise sobre as estações do ano no momento da criação da campanha em distribuição do chocolate por todo o mundo e em cada país oriundo das crianças participantes. Além de incentivar os alunos a descrever as diferentes manifestações climáticas em um mesmo período do ano em regiões diferentes e instigar a investigação sobre a localização da cidade sede da fábrica que não é especificada na trama.

Sem obviamente intentarmos esgotar as possibilidades de exploração no campo da Geografia, mas compreendendo a importância de sinalizar alternativas nas outras áreas por nós destacadas, encerramos esta subseção, para, na seguinte, apresentarmos algumas perspectivas à luz da História.

4.2 A FANTÁSTICA FÁBRICA E A HISTÓRIA

Nas Ciências Humanas, de diversas formas, observamos o tempo como norteador dos estudos de fatos e manifestações sociais que perpassam os espaços e o modo de vida dos indivíduos que estão incluso em um determinado momento. O tempo histórico demarca especificidades da cultura, assim como estilo de vida, arquitetura, moda e momento político, fatos marcantes para um determinado povo.

Nesse contexto, sugerimos ao professor de História analisar junto com os alunos a forma como a sociedade se comporta no período de tempo do filme. Em todo do o seu percurso, o filme nos provoca questionamentos sobre consumismo e industrialização, percebemos que o pai de Charlie trabalha de forma abusiva, mas não tem o retorno esperado, em determinado momento, o narrador nos fala "*hours were long and the pay is terrible*[15]. (A FANTÁSTICA, 2005, 05m05s – 05m14s)

A crítica ao capitalismo e às diversas formas de abuso da mão de obra nos direciona ao momento da Revolução Industrial, que, segundo Ferguson (2012), não seria tão efetiva se o consumismo de forma desordenada não modulasse a forma como a sociedade deveria consumir em massa.

A respeito da desigualdade e do capitalismo, Figueiredo (2013) nos diz que:

> Desse modo, a desigualdade social consolidada sob o capitalismo, evidencia que o desenvolvimento das condições de reprodução do capital não se dissocia da eliminação da desigualdade social, com efeito, também os nexos causais da pobreza permanecem e são adensadas cada vez mais pela conjuntura de crise em que se põe na contemporaneidade as condições de reprodução do capital, continuando a subjugar as necessidades humanas a sua lógica de expansão e acumulação, repercutindo na complexificação da questão social e de suas expressões. (FIGUEIREDO, 2013 p. 7)

O capitalismo e a intensa propaganda do consumo e a desigualdade social são uns dos focos principais em todo o percurso do filme. Charlie e sua família sentem no dia a dia o peso de serem pobres e socialmente esquecidos. O recorte que o mundo preso ao capital nos passa é que surgem blocos na pirâmide similares a eixos, topo e base, e onde cada família fica é um paralelo a quanto de dinheiro ela tem e o quanto de produtos ela consome. Marx (1988), em *O Capital*, traz-nos o debate a respeito da subjugação dos trabalhadores e a ascensão da burguesia. Dado o exposto, a comparação das divisões sociais com os blocos de uma pirâmide direciona as discussões ao pai de Charlie como partícipe dessa base e da classe explorada, um produtor que não ganha o suficiente para consumir, quiçá para viver com algum conforto.

O pai de Charlie pertence à classe explorada, trabalhando na produção de creme dental em uma fábrica aparentemente grande, que produz um produto que a grande maioria das pessoas usam para a

[15] "As horas (de trabalho) eram longas e o pagamento era péssimo. " (A FANTÁSTICA, 2005, 05m05s – 05m14s).

higiene pessoal, o que gera demandas exorbitantes de produção. Charlie, de modo informal, trabalha para ajudar sua família a manter a alimentação para a sobrevivência. A inquietação sobre a quantidade de trabalho que exerce e o pouco que consome, pois o seu trabalho não gera o capital necessário interligado às dificuldades financeiras e à desigualdade social que sua família vive, é uma reflexão necessária para o aluno que busca entender as estruturas sociais e as diversas facetas dos movimentos que a circundam.

O crescimento do consumo de doces em todo o mundo, impulsionado pelo concurso, resultou no aumento de cáries dentárias da população, provocando demissões em massa de pessoas que trabalhavam na produção dos cremes dentais, as quais foram substituídas por máquinas, mais lucrativas, pois não é necessário descanso, não se alimentam com o trabalho humano, e não dormem. A substituição por novas tecnologias enriqueceu a indústria, acelerou a produção, mas trouxe desemprego em massa para diversas pessoas, incluindo o pai de Charlie que era o provedor da família. O desemprego é um reflexo social de diversos fatores, a substituição das pessoas por máquinas para gerar mais lucro e mais consumo é um deles, o professor de História é desafiado, portanto, a dialogar com a turma os impactos da tecnologia na indústria e na sociedade.

Na seguinte subseção, damos continuidade às possibilidades de se explorar tópicos abordados no filme na área de Ciências Humanas, porém nos concentrando no campo da Sociologia.

4.3 A FANTÁSTICA FÁBRICA E A SOCIOLOGIA

O modo como a sociedade se movimenta influencia todos nós, somos membros partícipes ativos. Cada geração contribui de uma forma, com relação à cultura e aos conhecimentos tanto científicos, como filosóficos e sociais. Para Durkheim (2007), existem fatores socias que são maiores que os indivíduos e que influenciam o conhecimento e as relações do sujeito com o meio. O filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate* nos convida a fazer diversas reflexões a respeito da sociedade em que estamos inseridos, as formas que o meio em que vivemos nos influencia e como podemos inferir esses dados e informações na sala de aula.

Cada criança que achou o bilhete de ouro, é fruto do meio social que vive e dos conhecimentos adquiridos ao longo da convivência, a educação está também relacionada ao convívio com adultos. Nesse diapasão, de acordo com Durkhéim (1978):

> "A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão maduras para a vida social. Tem por objeto suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais dela exigidos tanto pela sociedade política em seu conjunto quanto pelo meio especial que a criança se destina. " (DURKHÉIM, 1978, p. 41)

A educação que cada criança teve e a forma que se comporta são heranças dos seus nichos sociais. O professor de Sociologia é convidado a observar junto a seus alunos como age cada criança e a maneira como são influenciadas pelos seus pais e sua família.

Charlie é uma criança pobre, não alfabetizada, com diversas dificuldades, mas rodeado de amor e exemplos considerados de boa moral. Sua convivência com seus avós, em um mesmo ambiente, por causa da sua condição social, provoca no telespectador uma sensação de felicidade, mesmo com todas as dificuldades que os rodeiam. Charlie só recebe uma barra de chocolate por ano, na medida em que o preço do doce não proporciona aos pais meios para presenteá-lo em um outro momento.

A família de Charlie o ensina através de histórias contadas. E essa prática é um exemplo de como vários conhecimentos são essenciais para a vida, sendo alguns deles saberes que não são apenas embasados no conhecimento cientifico, mas na sua vida cotidiana e no convívio com a família. É essencial que o professor considere todos esses conhecimentos empíricos como bagagem fundamental para que o ensino e aprendizagem tenham êxito.

Aranha e Martins (2005) nos mostram que o saber é algo adquirido e acumulado ao longo das relações estabelecidas entre sujeito e objeto. O primeiro olhar sobre o mundo, ainda não crítico, mas indispensável para a formação individual do sujeito, o meio e a comunhão das ideias são similares ao grupo a que o sujeito pertence.

As outras quatro crianças munidas do bilhete de ouro são diferentes de Charlie. Percebemos as diferenças da classe social quando Veruka Salt, que mora na Inglaterra e tem um pai empresário, lida com seus quereres. Tudo o que ela deseja é adquirido. O seu bilhete é, a propósito, encontrado em uma força tarefa na empresa de seu pai. Por meio dessa iniciativa, todas as mulheres da fábrica pararam a produção para iniciar a busca em enormes pilhas de chocolate, abrindo, uma por uma, até que encontrassem o objeto de desejo do seu patrão para presentear a filha.

Ponderar as diferenças sociais entre os ganhadores do sorteio fará com que os alunos reflitam os privilégios e as diferentes oportunidades que existem entre a burguesia e a classe operária. A hierarquia de poder entre o patrão e as funcionárias, desviadas da sua função, e a aceitabilidade do trabalho extra para não perder o emprego, sem nenhum tipo de honorários ou direitos trabalhistas, conduz debates às realidades empregatícias e o retrocesso de diretos trabalhistas. O trabalhador produz, mas não possui o objeto adquirido por si mesmo, não tem boas condições de trabalho e vive amedrontado com a possibilidade de desemprego.

Os conceitos de raça e etnia se diferem em regiões e culturas diversas (SILVA; SOARES, 2011). O respeito das diferenças é necessário para o direcionamento moral dos sujeitos em todo o processo de aprendizagem e mediação do conhecimento. Os Oompa-Loompas são exemplos de uma raça que se

difere à humana. As diferenças físicas e o pertencimento a outro grupo racial podem ser utilizados pelo professor para fazer alusão ao respeito, apropriação cultural, condições análogas à escravidão e racismo.

Willy Wonka, criador do concurso que embasa toda a trama do filme, quando buscava novos ingredientes para seus doces, encontrou, em uma terra distante, os seus trabalhadores, os quais são indivíduos de uma raça diferente, cujo cacau era venerado como um deus. Sob o prisma das sociedades de diversos países colonizados na expansão de território e de riquezas, o professor de Sociologia pode dialogar sobre a colonização de exploração e a de povoamento, bem como suas diferenças e impactos. O lucro está estritamente relacionado ao objetivo de colonização (SOUZA, 2008).

O dono da fábrica não confiou mais nos seus antigos colaboradores para a produção do chocolate e adotou os Oompa-Loompas como funcionários. No primeiro encontro, a comunicação se deu através de mímica, mas ao decorrer do trabalho e do convívio, os trabalhadores decodificaram a língua do colonizador, que, naquela relação, pode ser entendido como o detentor do poder.

É notório, quando Willy Wonka dá ordens diversas durante a visita dos ganhadores do sorteio à fábrica de chocolate, que os Oompa-Loompas entendem todos os códigos e cantam canções relacionadas a situações diversas na Língua Inglesa. Observamos, portanto, que ocorreu uma colonização similar à linguística, como descreve Mariani (2003), visto que um processo de colonização não existe sem uma língua. O professor pode fazer um paralelo com a colonização do Brasil, e os efeitos decorrentes da língua para catequização e manipulação da mão de obra indígena.

Além disso, é possível que os professores de Sociologia, de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa possam promover uma atividade interdisciplinar em que leve o aluno a refletir dos desdobramentos sociais em um contexto de colonização, tomando como ponto de partida, para tanto, o contato linguístico, assunto que é interessantíssimo e que raramente é discutido com maior profundidade nas aulas de linguagens, que, não raramente, estão voltadas às discussões sobre a estrutura da língua.

Na ótica de Willy Wonka, os Oompa-Loompas não o trairiam, não roubariam a fórmula de fabricação do chocolate mais famoso do mundo e não reivindicariam direitos trabalhistas. Ele os descreve como ótimos trabalhadores. Observamos que todos os setores da fábrica são manipulados por eles, não existe outro tipo de colaboradores. O regime de trabalho por eles experienciado na fábrica, sem nenhum tipo de honorários ou direitos trabalhistas, conduz debates às realidades empregatícias e o retrocesso de diretos trabalhistas.

O filme, entretanto, não nos passa a sensação empregatícia, com direitos, pagamentos e descanso. Essa falta de informação e manifestação de servidão relaciona o trato com os trabalhadores

com regimes análogos à escravidão (BRASIL, 2003). Isso é, então, um estímulo ao professor das Ciências Humanas para mediar estudos relacionados à proibição desse tipo de trabalho no Brasil, e as consequências para o empregador que impõe o trabalho forçado e exaustivo, com restrição de locomoção a qualquer pessoa que tenha cargos ou função em uma relação empregatícia.

Por fim, as análises feitas aqui perpassam a área das Ciências Humanas de formas diversas. A contribuição social do filme analisado é objeto para correlações das estruturas em que os alunos e o professor estão inseridos. E cabe ao professor adaptar à realidade do seu alunado as sugestões propostas nesse texto como instrumentos de diálogo e contextualizações das habilidades e competências necessárias para cada nível da educação básica. (BNCC, 2017).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Feitas todas as análises e proposições anteriormente apresentadas no texto, podemos tecer algumas ponderações que chamaremos, por convenção, de considerações finais, sem, no entanto, entendê-las como as únicas ou aquelas que esgotam as reflexões da discussão ora proposta. Neste texto, trouxemos como protagonista o filme *A Fantástica Fábrica de Chocolate*, desdobrando-o em variadas possibilidades de se trabalhar diversos assuntos na escola, com um foco especial para as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas de Linguagens e Ciências Humanas.

Nosso objetivo, vale ressaltar, não foi determinar como deve ser a prática docente de professores que subjazem às áreas em questão, mas, sim, provocá-los a pensar formas diferentes de abordar um conteúdo programático predefinido por documentos oficiais de maneira a atender o público heterogêneo de uma sala de aula de forma mais diversificada, interdisciplinar e multimodal. Com isso, concluímos que este texto pode ser o princípio de provocações e reflexões que têm condições de emergir no momento de se propor atividades em uma escola, lugar que chamamos metaforicamente neste texto de fábrica de conhecimento.

REFERÊNCIAS

A FANTÁSTICA Fábrica de Chocolate. Direção: Tim Burton. Produção: Brad Grey e Richard D. Zanuck. Roteiro: John August. Produção: Village Roadshow Pictures. Estados Unidos: Warner Bros, 2005. NETFLIX (115 min.) (Acesso em: 13/09/2020, às 3:02h)

ANDRADE, M. (Org.). **A diferença que desafia a escola**. Quartet, 2009.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BRASIL. **Lei nº 10.803, de 11 de dezembro de 2003**. Altera o art. 149 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal, para estabelecer penas ao crime nele tipificado e indicar as hipóteses em que se configura condição análoga à de escravo. Brasília, DF, 11 dez. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.803.htm. Acesso em: 2 jun. 2021.

COSTA, V. L. A. **A importância do conhecimento da variação linguística.** Educ. rev., Curitiba, n. 12, p.51-60, Dec., 1996.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

DURKHÉIM, É. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FAZENDA, I. C. A. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: _____. **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FERGUSON, N. Civilização ocidente x oriente. São Paulo : Planeta, 2012.

FIGUEIREDO, J. G. Desigualdade social e capitalismo: os limites da igualdade sob a ordem burguesa. **VI Jornada Internacional de Políticas Públicas**. São Luís (MA), agosto de, 2013.

GARDNER, hHhhH. **Estruturas da Mente:** A Teoria das Inteligências Múltiplas. Trad. Sandra Costa – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

GOMES, N. L. **Diversidade na educação reflexões e experiências**: Educação e diversidade étnico-cultura. Brasília: Secretaria de Educação, 2003.

GRIFFITHS, P. **Introduction to English Semantics and Pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

HEREDIA, R. R.; ALTARRIBA, J. Bilingual language mixing: Why do bilinguals code-switch?. **Current Directions in Psychological Science**, v. 10, n. 5, p. 164-168, 2001. (DOI: https://doi.org/10.1111/1467-8721.00140)

LADEFOGED, P.; JOHNSON, K. **A course in phonetics**. 6. ed. Wadsworth: Cengage Learning, 2011.

LAVER, J. **Principles of phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LEFFA, V. J. Identidade e aprendizagem de línguas. In: SILVA, K.A.; DANIEL, F. G.; KANEKO MARQUES, S.M.; SALOMAO, A. C. B.. (Orgs.). **A Formação de Professores de Línguas:** Novos Olhares, Vol. 2. São Paulo: Pontes, 2012. p. 51-81.

MARIANI, B. Políticas de colonização linguística. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras**, p. 73-81, 2003.

MARX, K. **O Capital** (Livro I, vol. II). São Paulo: Nova Cultural, 1988.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In.: TOZZI, Devanil (org.). **Caderno de cinema do professor**: dois / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação. São Paulo: FDE, 2009.

PORTO, R. S. Os estudos sociolinguísticos sobre o code-switching: uma revisão bibliográfica. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

SCHÜTZ, R. E. Interlíngua e Fossilização. In.:_____. **English Made in Brazil**, 2018. Disponível em: <https://www.sk.com.br/sk-interfoss.html>. Acessado em (13/09/2020, às 21:05h).

SILVA, M. A. L.; SOARES, R. L. S. Reflexões sobre o conceito de Raça e Etnia. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação – Caderno Temático: Educação e Africanidades, n. 4, p. 99-115, ano 2, nov. / 2011 (ISSN 2179.8443). Disponível em: encurtador.com.br/cozAL. Acesso em: 02/06/2021.

SOUZA, J. P. A. de. Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil. **Estudos Econômicos (São Paulo)**, v. 38, n. 1, p. 173-203, 2008.

TAKHTAROVA, S. S.; KALEGINA, T. E.; YARULLINA, F. I. The role of English in shaping the linguistic landscape of Paris, Berlin and Kazan. **Procedia-Social and Behavioral Sciences**, v. 199, p. 453-458, 2015.

TAVARES, B.. A Fantástica Fábrica de Chocolate: Lições sobre a Arquitetura Sensorial. **Revista do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UCB**, v. 1, n. 10, 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].